



Quinzenario Humorístico e Literário

DIRECTOR E EDITOR,
Artur Fernandes de Freitas

ADMINISTRADOR,
A. Faria.

SECRETARIO DA REDACÇÃO—*Azevedo Machado*
PROPRIEDADE DA EMPRESA DE «A Sentinela»

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua de Camões, 55 ☉ Typ. Minerva Vimaranesense

COMPOSTO E IMPRESSO NA

I ANO Guimarães, 6 de Maio de 1917 NUMERO 16

A VIELLA DO VERDELHO

Olhe, snr. Azevedo, nós nada podemos fazer a favor da sua justíssima pretensão, pelo simples motivo de que ninguém nos ouve e ninguém nos attende.

Ninguém, absolutamente ninguém!

V. S.^a não viu, não reparou, não observou a importância que nos ligaram quando da campanha que aqui levantamos contra o maldito jogo da batola!

Viu ou não viu?!

Berramos... barafustamos... pedimos... rogamos... supplicamos... deitamos cantigas... só nos faitou dobrar os joelhos e a espinha dorçal e tudo para não fazermos coisíssima nenhuma!

Foi peor!... Muito peor!...

E note o nosso amigo que nós apenas combatíamos um vício do qual é inimigo figadal o snr. dr. Affonso Costa, actual e illustre presidente do conselho.

Fazíamos politica democratica e nem assim.

Pois apesar d'isso e de todas

as pessoas de bem nos darem razão e concordarem em absoluto com tudo quanto aqui dissemos, (algumas até nos escreveram a felicitar e a pedirem bis) as auctoridades fizeram ouvidos de mercador, cruzaram os braços, e elles continuaram a manobrar e a deitarem-nos olhares satanicamente furibundos, quando temos a má sorte de passar por esses hontadissimos cavalheiros.

Então se viu, para que quer o affamado alfaiate que nós digamos coisas a respeito das almeçadas e milhares de vezes prometidas obras da **Avenida**?!

Ninguém nos ouve, acredite!

E' clamar no deserto, creia!

Mas não é só a *Sentinela* que não é attendida, não!

Soffrem igual pena os sollicitos e bem informados correspondentes d'esta cidade para *O Primeiro de Janeiro* e *Echos do Minho*, os quaes já por varias vezes reportaram com o caso, mas teem tido a mesma sorte, ou seja, a

mesme felicidade que nos tivemos a respeito do infeliz caso da batola.

Nós bem sabemos, nós sabemos perfeitamente que o actual estado em que se encontra a **Avenida** é uma vergonha, que é simplesmente indecente e que tão grande incuria merece o mais formal e solemne protesto por parte das collectividades vimaranenses, principalmente da Associação Commercial. Nós sabemos isso muito bem; mas que podemos nós fazer?! Coisíssima nenhuma!

Se o concerto estivesse nas nossas mãos, se fosse uma coisa que dependesse de nós e não das Obras Publicas, isso então, ia num rufo, nem era preciso pedir, pois saberíamos qual a nossa obrigação e jámais teriamos a coragem de abusar da paciencia dos vimaranenses.

Mas, infelizmente, não somos nós quem mandamos, não.

São elles!

E elles não se importam com a *Sentinela* e muito menos com Guimarães!

O melhor calçado é o da Sapataria Elegante

Concerria-se e faz-se por medida

Passeio da Independencia—Guimarães

Elles continuam a deitar ao desprezo esta hospitaleira terra; esta formosissima terra, a qual, mais do que a nenhuma outra, temos obrigação de dispensar amor e amizade.

Amor porque é linda; amizade porque é a terra em que tivemos a ventura de nascer.

Mas as taes senhoras Obras Publicas parece fazerem filé em nos deitar ao desprezo e continuam a apunhalar com a lamina do esquecimento esta honesta e laboriosa cidade, que tão legitimamente se orgulha e envaldece de ser uma das terras mais industriaes do paiz e de ter servido de berço ao grande Affonso (**Henriques**)!

Pedir providencias!...

Ainda é de bom tempo, amigo Azevedo!

Pedir providencias, a quem?!...

Berrar?! A'gora berramos nós?!...

Estamos roucos... mais roucos ainda do que o proprio João Rôquinho!

Quer um conselho, quer?

Quando for para casa, para o lindo *chalet* que habita, e o lamarca ou o pedregulho lhe não permittam entrar pela frente, desande, volte para traz, metta por **Relho** e entre pelas trazeiras.

E' mais seguro e evita — quem sabe? — escorrégar, dar um tombo, partir uma perna ou quebrar um braço.

E se o distincto *tailleur*, a quem a gente elegante e *chic*, as pessoas de bom-tom rendem justa homenagem, tiver a infelicidade de quebrar um braço (para longe vá o agoiro) quem é que nos ha-de talhar o nosso *esthetico smoking* para nos apresentarmos a gorgear sob a habil e auctorizada batuta do sympathico e imponente Padre Maia?!
Ninguem, decerto!

E nós queremos cantar, gorgear, trinar, de forma que se oi-

ça na repartição das Obras Publicas do districto:

O' Obras!

Tyrannias!

Quem vos deu a tyrannia?!
Tró-lá-ró

lá-ró-lá-ró!

Que é das lindas promessas

O' Obras!

Que nos fizestes algum dia?
Tró-lá-ró

lá-ró-lá-ró!

Queremos cantar embora tenhamos a certeza, de que o nosso canto, galhofeiro, é certo, mas que não deixará de ser um brado de justificada e sincera indignação, não será ouvido na Bracara Augusta pelos snrs. das Obras Publicas.

Não será ouvido, não!

Não será ouvido, embora os vimezanenses paguem pontualmente, á bocca do cofre, as peza-dissimas contribuições.

E tu, pobre e infeliz Avenida, ficarás sempre no mesmo estado, para vergonha nossa e d'elles; d'elles principalmente!

Tu Avenida Nova?!
Ora deixa-te d'isso! A' tua beira a *Viella do Cantor* faz um figurão!

Tu, Avenida dos Platanos!
Ora adeus, adeus!

Tu és, por muito favor, a *Cangosta do Picoto*!
Avenida do Commercio!
Quem te mettu essa na cabeça?! De ti tem nojo a *Travessa dos Bimbaes*!

Avenida Candido Reis!
Está calada e tem juizo!
No vergonhosissimo estado em que te encontras, és a legitima, a genuina, a pura a intransitavel e fedorenta *Viella do Verdelho*!

Temos dito.
Ouçamos agora o que dizem as Obras Publicas.

Não dizem nada, como sempre.

Plebicisto de "A Sentinela,"

(Secção quinzenal)

Que diferença ha entre o amor e a amizade?

Eis algumas diferenças entre o amor e a amizade:

Não ha amor sem amizade mas ha amizade sem amor.

O amor nasce no coração; allí se vae desenvolvendo a pouco e pouco, chegando por vezes a atingir tão elevadas proporções, que o vemos transformado numa ardente paixão, capaz de nos dilacerar a alma.

Com a amizade nada d'isto acontece.

Nasce igualmente no coração, é certo. E' allí tambem que ella vae germinando, mas o seu desenvolvimento por mais vasto que seja, nunca chega a alcançar esse grau de sentimentalismo.

Não passa d'uma affeição desinteressada, simples estima ou sympathia, que por alguém sentimos.

SEGREDO.

Entre amor e amizade
Não ha diferença nenhuma;
Se o amor é o que agarra
A amizade é a que prende.

(não rima mas é verdade).

SALUSTIANO.

O que é a dor?

A'lepta!

«A Sentinela» previne os seus assignantes de que na proxima semana vae mais uma vez receber o *pret.* relativo ao terceiro trimestre, que se acha quasi vencido. Sem os respectivos cobres, não pôde gritar ás armas, de quinze em quinze dias...

O Azevedo, Tailleur da Avenida, Lembra aos seus numerosos amigos e fregueses, que espera receber a continuação das suas respeitaveis ordens, dando-lhe assim a preferencia de seus favores. Sou com a maxima consideração e estima—mt.º att.º cr.º e obrgd.º—Azevedo, Tailleur da Avenida, GUIMARÃES

NOTICIARIO

Prá amigos... mãos rotas

Continua a não haver versada. Paciência...

Em Lisboa

Está na Capital (já é qualquer coisa!) o nosso amigo do coração, João Manuel Barreira.

Cá no burgo

Encontra-se o nosso amigo e aspirante a doutor, Bernardino Guedes de Miranda.

Da França

Recebemos um postal do nosso dedicado José da Conceição Nogueira Rosas, alferes meliciano, em que nos diz o seguinte:

23-4-917.

Cheguei bem a terras de França. Ainda não cheguei verdadeiramente ao meu destino, porem já estou livre dos submarinos.

A viagem foi excelente, assim como o transporte era bom.

Todos se encontram muito satisfeitos. Não dá o frio que por ahí dizem. Desde que saí de Portugal ainda não senti verdadeiro frio.

Os francezes são muito hospitaleiros.

E as francezas!... Se escapar desta guerra, julgo que não sahírei mais de França.

Cumprimentos... etc.

José Rosas.»

Da licença

A goso d'algum tempo de licença, partiu para o Pico de Regalados, o regedor do dito, nosso dedicado amigo Joaquim Aguiar Arantes.

O pão

Devido aos grandes esforços do snr. dr. Antonio Basto, illustre administrador do concelho, já não tem escaceado tanto a venda do milho, e sabemos de fonte segura que s. ex.^a tem empregado a sua actividade para que não falte nas feiras aquelle cereal.

Bem haja quem assim procede.

A *Sentinela*, que não está filiada em nenhum partido porque os galuchos não têm, nem devem ter politica, nem tão pouco se importam com *oniões*, ainda que sagradas, (a não ser com Deus Nosso Senhor) que não pertencem aos snr. Ayres, nem ao snr. Brito, nem ao snr. Antonio e muito menos ao snr. Affonso, perfila-se e faz respeitosa continencia ao snr. dr. Antonio Basto pela forma como se tem havido em defeza d'aquelles que luctam por um bocado de pão por preço mais razoavel, por um preço ao alcance dos pobres, para quem a vida é uma constante tortura.

Gil Vicente

A Academia Vimaranesense reúne amanhã, numa das salas do Lyceu, para tratar do seu projectado monumento a Gil Vicente, o vimaranense illustre que tanto honrou a sua terra.

—Vimaranesense?!

Sim, senhor! Nascidinho aqui embora a alguem lhe custe roer esta grande verdade.

Padre José Maria

E' no dia 9 do corrente que passa o anniversario natalicio do snr. Padre José Maria da Silva, dignissimo e sympathico Director da Escola Academica.

Como a candeia que vai adiante é a que alumia melhor, receba desde já s. ex.^a os nossos affectuosos parabens.

66:330 reis

Foi esta a linda quantia que a Direcção do Grupo Scenico da Juventude Catholica desta cidade, entregou ultimamente á Creche de S. Francisco, importancia do producto liquido do espectáculo que o Grupo Academico «Arnaldo Lamas», de Braga, aqui realizou no dia 16 do mez findo.

Merecem os esperançosos rapazes deste ultimo Grupo, os nossos mais fervorosos applausos e com certeza os de toda a cidade de Guimarães.

Ao Amigo Vergilio Marques

Começo a comover-me assás por ti!... Em perpetuo amor, louco de vida, lançaste-te a falar só por *medida* como quem desconfia até de si.

Por que, Amigo, o fazer versos será alegre p'ra quem de si é triste, mas tem o inconveniente que não viste e que eu mostro num facto dos diversos:

Obriga a pôr o *assento* onde é preciso sobre as *longas*, na parte que convem p'ra se formar do verso um são juizo,

Sob pena do poeta mais 'correito resvalar para um lado; é, muito bem ficar côxo, quando antes era d'feito.

ADOLFO FOZCÓA.

Os estudantes gosam

Na passada quinta-feira os alumnos do Internato Municipal foram em passeio recreativo a Santo-Thyrso, Trofa, Villa do Conde, Povia de Varzim e Villa Nova de Famalicão.

*

No mesmo dia visitaram Vianna do Castello os alumnos do Collegio Academico.

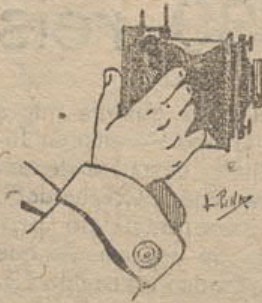
*

Os da Escola Academica foram ante-hontem a Braga e Bom Jesus do Monte.

Camisola's e ceroulas, meias, ligas e suspensorios

O mais completo sortido

CASA ELEGANTE



Em Foco

O tempo vai passando velozmente mas a recordação persiste.

Lembro-me bem ainda como se fosse hoje!...

Já lá vão cerca de dois annos que a nossa galante perfilada abandonou este seu lindo torrão natal, talvez com o coração alanceado pela saudade — essa dor lacinante e angustiosa que serve de flagello constante a uma alma que se achava dominada pelo bem estar — para ir fixar residencia na formosa capital do norte.

Todavia *Aninhas*, assim lhe chamavam as suas boas e leaes amigas e todos aquelles que a estimavam, ainda não foi, nem será, creio eu, esquecida neste lindo Jardim do Minho.

Dotada dos melhores e mais puros sentimentos e possuidora d'um bom coração, Ella soube captivar, durante o tempo em que aqui permaneceu, a sympathia e a amizade, sem duvida duas joias de grande valor e merecimento, que nem todos conseguem adquirir.

De seus labios, sempre cobertos de sorrisos meigos e affaveis, nunca ouvimos uma palavra de angustia, muito vulgar em quem vai trilhando o escabroso caminho do amor.

Sempre a alegria a condecorar-lhe a frente com o emblema da sua nobresa.

E' a muita estima e affeição desinteressada, que me obriga, quasi se pode dizer, a prestar-lhe hoje esta simples mas sincera homenagem, retratando-a aqui por meio d'uns ligeiros esboços dos seus mais caracteristicos predica-dos, os quaes muito a nobilitam.

Segredo.

"Córadinho e rochunchudo,
Vendedor de boas padas;
Entre amigos conhecido
Por *Se Mendes* ou *Facadas*."

—E' ou não verdade... *Juquinhas*?

—!...

—Isto não é coisa que se diga?!...

Tem paciencia, mas has-de gramal-a como a gramou o J. L....

Vá; socéga, que eu não digo mais nada. E sabes porque não digo mais nada?

Olha, por mais fortes murros que dê na testa a vêr se consigo avivar as memorias, por mais que invoque a *musa*, pedindo-lhe um naco, não de borda, mas sim de inspiração, nada posso conseguir.

Mas não admira. Actualmente, em virtude desta maldita guerra, está tudo pela hora da morte e por isso é possivel que as musas viessem tambem da Allemanha, razão esta porque se andam a fazer caras...

Descança, portanto, que nada mais direi e tenham paciencia os carissimos leitores, mas á hora a que escrevo estão os snrs. typographos á espera desta treta, para comporem este jornalsinho, e por conseguinte não posso demorar-me mais a matutar.

Para isso tenho de puxar bastante pelas memórias e zangar-me talvez com a *musa* — a deusa predilecta da minha inspiração. E isso é que eu não quero.

Mas se o que disse ainda não é bastante para dar a conhecer o nosso querido *Juquinhas*, direi apenas mais uma coisinha, (socéga que não é garotice):

Mora nas Trinas, onde o autor dos seus dias possui uma bem montada padaria.

—Ainda não chegou?...
Pois meus caros... as maças estão prohibidas... e nesse caso...

C'est finit.

UM AMIGO DE PENINCHÉ.

Serafim Rodrigues

Para Cabeceiras de Basto, para onde foi nomeado escrivão de direito, segue amanhã o nosso prezado amigo snr. Serafim Rodrigues.

Boa viagem e oxalá que num dia mais ou menos breve venha para mais perto, ou antes, para a terra que o viu nascer.

São esses os nossos desejos e os dos seus numerosos amigos.

GRALHAS

No numero anterior, por lapso, no soneto «*Sexta da Paixão*» do nosso amigo Snr. Virgilio Marques, sahiram bastantes gralhas, que passamos a retificar:

Antes do soneto deve ser *dream who, who clear e way*, em vez de, respectivamente *deam soho, soo char e soey*.

No primeiro verso sahiu: *Seis anos são passados* já quando deve ser *Seis anos são já passados*.

No oitavo verso sahiu: *Exauçando* em vez de *Exalçando*.

No dèssimo terceiro verso sahiu: *da demogagismo* em vez de *do demagogismo*.

Snr. Marques, desculpe pois, mas isto acontece a muito boa gente...

Um brinde

A Companhia do Caminho de Ferro de Guimarães, brindou ultimamente os snrs. passageiros com 15 % sobre a taxa dos bilhetes, brinde que começou a vigorar no dia 1 d'este lindo mez de maio.

Seria indelicadeza e falta de gratidão da nossa parte, se não registassemos factos d'estes, que tanto *beneficiam* o publico.

Registemos, pois.

A's Ex.^{tas} damas—Lembro que estamos na PRIMAVERA e é bem que V. Ex.^{tas} deem de preferència as suas encomendas de qualquer vestido "GENERO-TAILLEUR,,," na certesa de que são servidas com toda a correccão e sempre bem acabado. Como V. Ex.^{tas} sabem não é preciso ir ao Porto nem a Lisboa para obterem um "ROBE-TAILLEUR,,," bem feito, evitando assim todas as massafas e despèsas. Basta um simples postal para serem immediatamente atendidas.—Azevedo—Tailleur da Avenida—GUIMARÃES.

«O Trovão»

Recebemos a visita deste novo quizenario de critica, que principiou a publicar-se em Coimbra, no dia 1 do corrente.

Desejamos-lhe muitas felicidades.

Vamos permutar.

SECCÃO LITERARIA

O FADO

E' noite de luar. E d'uma esquina
Surge um grupo de vozes avinhadas

E uma garôta, livida e franzina,
De faces desbotadas,
Seguia a soluçar, com emoção,
Em tom maguado,
Um sonho, uma canção,
A que chamavam: —fado!

Gemia uma guitarra, acompanhando
A voz d'essa creança
Que embalsamava o ar,
A sorrir, a chorar, sempre cantando,
Nessa noite formosa, de luar,
Serena e mansa...

A rua era deserta. E, mal se ouvia
Essa rara e extranha melodia
Que falavam em Heroes e Descobertas,

De naus e de proezas,
De sonhos em flôr,
Asrjanellas rangiam, meio-abertas,
Sugindo cabecitas portuguezas
Em suspiros de amor!

E nos olhos da cara, uns outros olhos,
Transpondo escolhos,
Surgiam para ver...
Eram os olhos da alma-que, a soffrer,
Com ar extasiado,
Cheios de extranho goso,
Vinhão beber a luz d'aquelle fado
Humano e precioso...

Dizia-nos a voz d'essa cantora
As miserias do lar, as amarguras,
A vida soffredora,
A maldição

Das filhas do bordél que foram puras
Em tempos que lá vão!

Dizia-nos, cantando, essa creança,
Flôr do vicio,
Como cahira, assim, no precipicio
Tornando-se baual...
E os sonhos tão gentis que já tivera,
Esses sonhos de amor e esperança,
Quando via florir a primavera
Alegre e sensual!

A sua voz mostrava, tristemente,
A negra sorte,
O desespero ardente,
Em melodias ternas.

E, olhando com tristeza os companheiros,

Ella dizia então versos inteiros
Recordando
E chorando

O fado que cantava nas tabernas.

E o seu formoso fado tão sentido,
Despertava o luar, todo entretido
A namorar estrellas...

E vendo as meigas faces da cantora,
O luar sabendo-a peccadora,
Ficando a scismar,

Brilhava muito mais só para ve-las!
E ha quem diga que chorou
Ouvindo o fado
E a guitarra portugueza...
E ficára enamorado
Por quem o soluçou
Com tamanha tristeza!

Os versos que ella disse ouvi-os eu.
Falavam d'essas naus das Descobertas,

Dos feitos de valor,
E do mar, do largo mar em que nasceu

O fado, o lindo fado
Amargarado,
Que ouvia, das janellas meio-abertas,
Mil suspiros de amor!

E mal findou a noite e a luz da aurora
Veio encontrar, assim, tão mace-rada,

Pela rua fora,
A palida cantora abandonada.
Perguntou-lhe rindo,
Jovial:

—Quem foi que fez um fado assim
tão lindo?

A creança ouviu
E retorquiu
—Foi Portugal!

Havia uma soberba evocação
Em cada som ferido;
E o mar, o vasto mar dos portuguezes,

Parecia cantar algumas vezes,
Num heroico gemido,
Uma terna canção!
Era o mar a lembrar-se, com certeza,
Em vago aneio,
De que o fado, que é a alma portugueza

Nascêra no seu seio!

A guitarra seguia, em seus lamentos,
O poema das naus triumphadoras
Contra mares e ventos...

E Portugal vivia, por momentos,
Na epopeia do som,
Nas cordas gemedoras,
Sentimentaes,

Que evocam o tempo que foi bom
E que não volta mais!

A aurora disse então para a guitarra
Enviando-lhe um beijo:

—Es bella, na verdade, acho bizarra
A forma que em ti vejo,
Mas dize-me, por favor,
Para minha alegria:

—Quem foi que te ensinou a soluçar?—

E a guitarra, gemendo, respondia:
—Foi o mar! Foi o mar!

MARIO MONTEIRO.

N'um cemiterio

E' noite!
Silencio sepulchral!

Andam no ar sons vagos de
tristeza que parecem saturar a
atmosfera d'uma dôr profunda!

N'aquella vasta e monotona so-
lidão expraia-se um socêgo inte-
gral!

Só lá em baixo, na torre da er-
mida, se ouve, entrecortado pela
brisa suave da noite, o lugubre piar
do môcho, indomito percursor
da morte.

GUARDA-CHUVAS E BENGALAS, o melhor sortido

CASA ELEGANTE

CHAPELARIA MARTINS

A'quem e alem vê-se erecto com ostentação e orgulho um negro e gigantesco cypreste, esse magestoso symbolo da parca implavel e emblêma feral do cemiterio.

Nolimpido firmamento um manto alvinitente de fulgurantes estrelas serve de resplendor a esse pharol rutilante, confidente dos mais bellos sonhos d'amor, que lá do alto n'um vislumbre de luz, vem expargindo seus raios coruscantes como a espreitar a terra sua amante.

Sobre esses tumulos alvos como neve, paira com armadura a mais deleteria e sentimental tristeza.

Então além, a uma cruz abraçada, uma jovem e tenra creança com o rosto macilento banhado em lagrimas, rôta, os cabellos desgrenhados, o olhar atonito e rasgado, geme agonisante, a dôr do seu martyrio!

O sentimento e a commoção invadem-lhe a alma torturada pela amargura do pezar que a envolve em tunicas de magua enorme!

N'um soluçar suffocante e doloroso exprime bem quanto amor, quanta doçura e carinho consagrava a esse adorado ente, que, sentindo-se cansado ao morbido caminho da vida, onde tudo são illusões e chimeras jámais desvanecidas, se deixou arrastar nas azas sanguinolentas da morte.

E assim prostrada sobre a fria lousa e sem alento, num gemido pungente e sencitivo, que do fundo da alma lhe sahia em borbotões de acrisolado sentimento, soltava no espaço já saturado de dôr, estas santas palavras repletas de angustia e lacinante acrimonia:

Mãe, ha já tres dias que por ti chamo sem que desses puros labios teus tenha sahido uma só palavra de consolo e alivio para este meu atroz soffrer! Levantate por misera compaixão e vem piedosamente estender-me esses teus niveos braços, para que assim a minha inexperiencia da vida me não precipite no mais profundo abysmo.

Acorda! Deixa este logar onde só a tristeza predomina e vem com um meigo e tenro sorriso nos labios minorar-me esta dôr, que a passos agigantados, me dilacera a alma e me mortifica o coração.

Pois já não sentes por mim aquelle amor tão puro que ainda ha bem pouco tempo era a minha maior felicidade e ventura?

Pois já esqueceste tua filhinha tão querida?

Oh meu Deus! Que mal eu pratiquei para que assim merecesse este insondavel e amargurado abandono?

Ah! como é triste viver tão só n'este modo de enganos e de tormentos! Como é triste este meu viver desgraçado sem um carinho de mãe que me vivifique a alma e me suavise o espirito! Como é triste viver envolvido na mais hedionda nostalgia do amor maternal! Como é triste arrastar um soffrimento tão pesado e doloroso, que n'um gigantesco caminhar, me confrange de magua, depositando no fundo do meu âmago as scentelhas mais ardentes que irradiam do facho coruscante do martyrio!

Oh! antes a morte, esse somno eterno que me servirá de lemitivo para esta magua enorme fogo oppressivo do meu triste viver.»

Soltando assim estas piedosas palavras, as lagrimas corriam-lhe sem par pelas faces marejadas.

E então, n'um golpe lacinante de dôr, deixou-se cahir n'um consumado soluçar sobre a fria lousa do sepulchro, onde descancava no ultimo somno esse adorado ente que tanto lhe era querido.

O luar com seus raios de prata, batia suavemente sobre aquelle quadro triste e sentimental.

E o môcho, essa ave hedionda e agoirenta, continuava na sua afamosa cantilena como que annunciando breve desgraça e lamentar.

A noite tinha passado e já os primeiros raios de luz despontavam no horizonte, quando a mimosa criança foi encontrada como na vespera, de braços abertos

sobre a fria lousa, mas já morta junto de sua mãe tam querida.

Sua alma pura e imaculada tinha subido ao Céu!

Guimarães, 1917.

SEGREGO.

caridade

(á mulher portuguesa)

E' a caridade, a sublime virtude,
Que primeiro chega e acode aos desgraçados;
E' a caridade, sim, que menos rude
Torna a existencia dos desventurados!

Almas compassivas: ternos corações,
Que viveis de sonhos de felicidade;
Não é, não, com resas, nem com orações,
Que hoje se pratica a santa caridade!

Almas generosas: ó patricias minhas,
Fadas desta terra, linda, abençoada:
Cuidal com amor as tenras criancinhas,
Filhos dos herois da nossa patria amada!

Mãe, esposa, amante, filha, noiva, irmã:
Combatel tambem na guerra mundial;
Abatamos todos a raiva alemã;
Salvemos a patria, o nosso Portugal!

Murça

2 | 4 | 917

VALIERO.

AQUELLA VELHA

Ficára só com três netos;
Morreram de tenra idade:
E ella, viuva de affectos,
Venceu, resando a saudade.

E ainda vive! O que alenta
Aquella alma atribulada?
E' a fé, que lhe alimenta
Uma crença inabalada.

Ah! quem me dera esse alento,
Nestes combates da sorte!
Que paz para o pensamento!
Que paz na hora da morte!

JULIO DINIZ.

Os generos de primeira necessidade, taes como arroz, bacalhau assucar, etc., etc., attendendo á grande carestia da vida só podem hoje ser comprados na acreditada Mercearia Neves — á Rua da Republica, por ser a casa que vende em melhores condições.

Mercearia de João Vasco Cardoso Guimarães

Rua de S. Paio, 45

GUIMARÃES

Especialidade em artigos de mercearia.
Brindes aos compradores do café moído especial.


AUTO-GARAGE

DE

Benjamim de Mattos & C.^a

13, Rua de S. Damaso, 15—GUIMARÃES

Aluguer, compra e venda de Automoveis, Motos e Bicycletas

Automoveis para 4 e 6 pessoas—Officina de reparação
—Sempre em existência grande sortido de accessorios—
Dissolução, pneus e camaras d'ar dos melhores auçtores
—Stok Michelin, Dunlop, Lony e Soly—
Remendos Security para reparação rapida de camaras d'ar.
Preços sem competencia.  Serviço rapido e garantido.

PREVENÇÃO—Benjamim de Mattos participa que passou para a Auto-Garage, á rua de S. Damaso, 13 e 15, o seu negocio de Bicycletas, Motos e seus accessorios, onde aguarda as ordens dos seus ex.^{mos} fregueses e do publico em geral.

CASA DUARTE

Fazendas nacionais e estrangeiras. Lanificios, tecidos d'algodão e bonés. Variado sortido de casimiras e outros tecidos para homem, senhora e criança. Zefires, riscados, cotins, panos brancos e crus, atalhados, chales, colchas, cobertores, camisas, gravatas, etc.

VENDAS POR JUNTO E A RETALHO

Manoel A. Pereira Duarte

RUA 31 DE JANEIRO (antiga de Santo Antonio)

GUIMARÃES

Fotografia CARVALHO

Rua de Paio Galvão, 98

GUIMARÃES

Nesta bem montada fotografia executam-se com rapidez todos os trabalhos que lhe forem requisitados, como:

Esmaltes fotograficos para medalhas, retratos em porcelana, ampliações inalteraveis desde 2000 e retratos reclame desde 780 a dúzia.—Trabalhos aperfeiçoados.—Preços sem competencia.

Camisas e gravatas — Casa Elegante

Antiga Chapelaria Martins

Lopes da Silva, Cirurgião Dentista

Toural, 19—GUIMARÃES

Colocação de Dentaduras sem chapa e todas as operações dentárias.

Especialidade em queijo da Serra, vinhos finos, bolacha, licôres, etc.,

Só na MERCEARIA NEVES de Adelino Joaquim Neves—Rua da Republica (Feira do Leite) GUIMARÃES

A EQUITATIVA

DE PORTUGAL E ULTRAMAR

Sociedade de Seguros Mútuos sobre a vida

Seguros Terrestres e Marítimos

Seguros de Vida

Seguros contra accidentes de trabalho

Reservas em 31 de Dezembro de 1914, Esc. 510.307\$30

Indemnizações pagas, Esc. 301.305\$34

SEDE SOCIAL: Largo de Camões - Lisboa

NESTA CIDADE:

O consocio Antonio Luiz da Silva Dantas

GUIMARÃES

AVA

Antiga guardasolaria

CARVALHO

Executam-se todos os trabalhos

154—Rua da República—160

GUIMARÃES

Restaurante**Aliança**

R. do Hnjo (S. Paio)

Comidas, bons vinhos,
quartos, etc.Bom serviço e
preços económicos.

Proprietario:

Manoel Machado.**Ouivesaria Progresso**

de JOÃO BAPTISTA DE SOUZA

Rua Republica, 3 (Porta de Vila)—GUIMARÃES

Filial em VIZELA—Rua Ferreira Caldas

Importante officina para fabrico de toda a obra de OURIVESARIA E JOALHARIA
 Officina de Cravador e Gravador
 Concertam-se com perfeição todos os objectos por mais dificeis que sejam os concertos
 Douram-se a prateiam-se todos os metais por preços baratissimos
 Sortido completo em relogios

EXPORTAÇÃO e DESCONTO EM VENDAS POR JUNTO
 Compra e paga bem ouro velho, pedras preciosas e objectos pertencentes a ourivesaria
 Alugam-se automoveis—Preços comodos

MERCENARIA

—DE—

SILVINO ALVES DE SOUZA

Rua Francisco Agra

GUIMARÃES

Neste acreditado estabelecimento encontram-se á venda géneros de primeira qualidade, tais como: assucar, arroz, bacalhau, massas alimenticias, chá, café, manteiga, queijo flamengo e da serra, bolacha, vinhos finos de diversas marcas, etc.

A SENTINELA

QUINZENÁRIO HUMORISTICO E LITERÁRIO

Assinatura:— trimestre (série de 6 números) . . . 12 cent.
 pelo correio . . . 16 »
 papel «couché»—trimestre . . . 24 »
 pelo correio . . . 30 »

Anúncios:— contrato especial.

Ex.^{mo} Sr.